

Robert Fisk

Lead:

Temo que o destino deste movimento festivo na história do Médio Oriente a que temos vindo a assistir venha a ser decidido na Arábia Saudita, reino do petróleo, dos lugares sagrados e da corrupção.

O terramoto das últimas cinco semanas no Médio Oriente foi a experiência mais tumultuosa, estilhaçadora e atordoante da história daquela região desde a queda do Império Otomano. Desta vez, "choque e constrangimento" são expressões adequadas à realidade. Os dóceis, exagerada e impenitentemente servis árabes descritos pelo orientalismo, transformaram-se nos lutadores pela liberdade e pela dignidade que nós, os ocidentais, sempre presumimos ser nosso e único papel no mundo. Um após outro, os sátrapas caem, e a gente a quem pagávamos para controlarem está a fazer a sua própria história; o direito a metermo-nos nas suas vidas (que obviamente continuamos a querer exercer) está definitivamente limitado.

As placas tectónicas continuam a deslocar-se, com resultados trágicos, corajosos, ou até mesmo marcados por um certo humor negro. São inúmeras as potências árabes que alegam sempre ter querido a democracia no Médio Oriente. O rei Bashar da Síria vai melhorar os salários dos funcionários públicos. O rei Bouteflika da Argélia apressou-se a declarar o fim do estado de emergência no país. O rei Harmad do Barhrein abriu as portas das suas prisões. O rei Bashir do Sudão, afinal já não se vai recandidatar ao lugar de presidente. O rei Abdullah da Jordânia está a estudar a hipótese de uma monarquia constitucional. E a Al Qaeda tem-se mantido bastante mais silenciosa.

Quem acreditaria que o velho haveria de sair da caverna, caminhando pelo seu próprio pé para a saída, encandeado e cego pela luz do sol da liberdade, deixando para trás a escuridão maniqueísta a que os seus olhos já se tinham acostumado. Houve muitos mártires no mundo muçulmano, mas não há nem uma só bandeira islamita à vista. Os jovens homens e mulheres a quererem pôr um fim ao tormento das ditaduras podem até ser na sua maioria muçulmanos, mas o espírito humano é maior do que o desejo de morrer. São Fiéis, sim, mas primeiro vieram aqui derrubar Mubarak, enquanto os seguidores de Bin Laden ainda continuam a clamar pelo seu derrube, em vídeos completamente fora de moda.

Mas agora uma advertência. Isto ainda não terminou. Estamos a experimentar hoje aquela sensação cálida e ligeiramente húmida, que se sente antes de surgirem os trovões e os relâmpagos. O último filme de terror de Khadafi ainda está para acabar, embora provavelmente com essa mistura terrível de farsa e de sangue que estamos acostumados a ver no Médio Oriente. E a sua queda iminente, escusado será dizer, põe ainda mais em evidência a vil bajulação das nossas próprias potências. Berlusconi, que em muitos aspectos é já uma farsa fantasmagórica do próprio Khadafi, Sarkozy e Lorde Blair de Isfahan, estão a sofrer uma degradação ainda maior do que pensávamos. Os seus olhares fundados apenas na fé abençoaram Kahadafi, o assassino. Escrevi há tempos que Blair e Straw tinham descurado o factor "surpresa", a realidade de que esta estranha "luminária" líbia está absolutamente louca e que sem dúvida poderia cometer mais alguma atrocidade para

vergonha dos nossos chefes.

Toda a gente diz agora ao Egito para seguir o "modelo turco" que parece conter um agradável *cocktail* de democracia e Islão, cuidadosamente controlado. Mas se isso for assim, a verdade é que o exército egípcio irá manter um indesejado não democrático controlo sobre o povo, nas próximas décadas. Na sua qualidade de advogado, Ali Fzzatyar assinalou: "Os líderes militares do Egito falaram de ameaças 'à forma de vida egípcia'? uma referência pouco subtil, às ameaças dos Irmãos Muçulmanos. E isso pode ser visto como cópia de uma página retirada de um manual de estratégia turco". O exército turco foi, por quatro vezes na história turca recente, um fazedor de reis. Ora, e quem senão o exército egípcio, criador de Nasser, construtor de Sadat, se livrou do ex-general do exército Mubarak quando o jogo chegou ao fim? E a democracia - a real sem restrições, imperfeita mas em versão rosa que nós no Ocidente temos cultivado tão terna e correctamente - não vai poder crescer feliz no mundo árabe devido ao pernicioso comportamento de Israel para com os palestinianos e ao roubo das terras na Cisjordânia. Ao aperceber-se que deixara de ser "a única democracia no Médio Oriente", Israel alega desesperadamente - na companhia da Arábia Saudita, graças aos céus - que é necessário manter a tirania de Mubarak. Voltou a bater na tecla dos Irmãos Muçulmanos e, em Washington, serviu-se do habitual, do quotidiano medo do *lobby* judeu, para tentar fazer descarrilar Obama e a seguir a senhora Clinton. Confrontados com manifestantes pró-democracia em terras de opressão, voltaram a apoiar os opressores antes que se fizesse demasiado tarde.

Já, no Bahrein, tive uma experiência deprimente. O rei Hamad e o príncipe Salman andaram a curvar-se diante da sua população, setenta por cento xiita (80%?), abrindo as portas das prisões, prometendo reformas constitucionais. De tal forma, que perguntei a um funcionário do governo em Manama, se isso seria realmente possível. Porque não ter um primeiro-ministro eleito em vez de um membro da família real, os Khalifa? Respondeu com um estalo de língua. "Impossível", disse. "o CCG nunca poderia permitir isso". Onde ele referiu CCG - Conselho de Cooperação do Golfo - leia-se Arábia Saudita. E aqui, temo, a nossa história começa a escurecer.

Prestámos muito pouca atenção a esse bando autocrático de príncipes ladrões; pensamos que são arcaicos, iletrados em política moderna, ricos (sim, "muito além dos sonhos de Cresco¹, etc.) e rimos quando o rei Abdullah se ofereceu para compensar o Egito da perda do apoio financeiro de Washigton ao regime de Mubarak; rimos agora quando o velho rei prometeu aos seus cidadãos 36 mil milhões para se manterem de boca calada. Mas este não é assunto para rir. A revolta árabe que permitiu finalmente livrar o mundo árabe dos Otomanos começou nos desertos da Arábia, com os líderes tribais a confiarem em Lawrence McMahon e no resto da nossa pandilha. E da Arábia veio o Wahabismo, a poção forte e inebriante - espuma branca sobre substância negra - cujo horrível simplismo atrai cada possível islamita e bombista suicida do mundo muçulmano sunita.

Os sauditas acolheram Osama Bin Laden e a Al Qaeda e os Taliban. Já para não dizer que "contribuíram" com a maioria dos comandos suicidas do 11 de Setembro. E agora os sauditas julgam-se os últimos muçulmanos ainda capazes de combater um mundo que se ilumina. Temo que o destino deste movimento festivo na história do Médio Oriente a que temos vindo a assistir venha a ser decidido no reino do petróleo, dos lugares sagrados e da corrupção. Estejam alerta.

Mas uma nota mais alegre. Tenho andado a recolher citações memoráveis da revolução árabe. Já tivemos "Volte, Senhor Presidente, estávamos só a brincar" de um manifestante

anti-Mubarak. E temos tido, Saif el-Islam e o discurso, à la Goebbels, de Khadafi: "Esqueçam o petróleo, esqueçam o gás - vai haver guerra civil". Mas a minha citação preferida, egoísta e pessoal, surgiu quando o meu velho amigo Tom Friedman do *The New York Times* se juntou a mim, com um sorriso desarmante, à mesa de um pequeno almoço no Cairo: "Fisky", disse ele, "um egípcio veio ter comigo, ontem, na Praça Tahir e perguntou-me se eu era Robert Fisk!" É o que considero agora uma revolução.

Publicado no The Independent. Especial para o Página 12.

Tradução de Natércia Coimbra para o Esquerda.net

1 Cresus, último rei da Lídia, organizou uma expedição para impor o império Lídio aos persas mas foi vencido pelas forças do rei Ciro da Pérsia na batalha do rio Hális, Timbra, em 547 a.c. Ciro, no entanto, foi condescendente, concedendo-lhe honras e a oportunidade de viver na corte persa. Cresus fora famoso pela sua riqueza, a qual foi atribuída à exploração das areias auríferas do Pactolo, rio afluente do Hermo onde, segundo a lenda, se banhara o Rei Midas.

Sumário da Home:

Temo que o destino deste movimento festivo na história do Médio Oriente a que temos vindo a assistir venha a ser decidido na Arábia Saudita, reino do petróleo, dos lugares sagrados e da corrupção.

Thumbnail Image:



Media Folder:

- [Media Root](#) ^[1]

Main Image:



Media Folder:

- [Media Root](#) ^[1]

Rei Abdullah da Arábia Saudita. Agora os sauditas julgam-se os últimos muçulmanos ainda capazes de combater um mundo que se ilumina.

Dossier:

Dossier 142: Revolução no Mundo Árabe

[3]

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/dossier/o-destino-desta-festa-encontra-se-no-reino-do-petr%C3%B3leo>

Ligações:

[1] <http://www.esquerda.net/topics/media-root>

[2] <http://www.esquerda.net/file/saudijpg-1>

[3] <http://www.esquerda.net/topics/dossier-142-revolu%C3%A7%C3%A3o-no-mundo-%C3%A1rabe>